

# Viva XXX aniversário da COLUNA PRESTES!

## NESTE NÚMERO:

A EPOPEIA DA COLUNA —  
FAÇANHA DO NOSSO POVO  
(pág. central)



O BRAVO SIQUEIRA CAMPOS —  
FIEL COMPANHEIRO DE PRESTES  
(2.ª pág.)



“GENERAL PRESTES” —  
UMA CIDADE NA E. F. GOIÁS  
(4.ª pág.)



PRESTES, PATRIOTA SEM MÁCULA,  
IMAGEM DO CHEFE INCORRUPTIVEL  
(5.ª pág.)



UM RAIOS DE ESPERANCA  
NAS TREVAS DO LATIFÚNDIO  
(8.ª pág.)



O CAVALEIRO DA ESPERANCA  
NÃO ABANDONA SEUS HOMENS  
(9.ª pág.)



DESTACADOS COMBATENTES DA COLUNA  
(10.ª pág.)

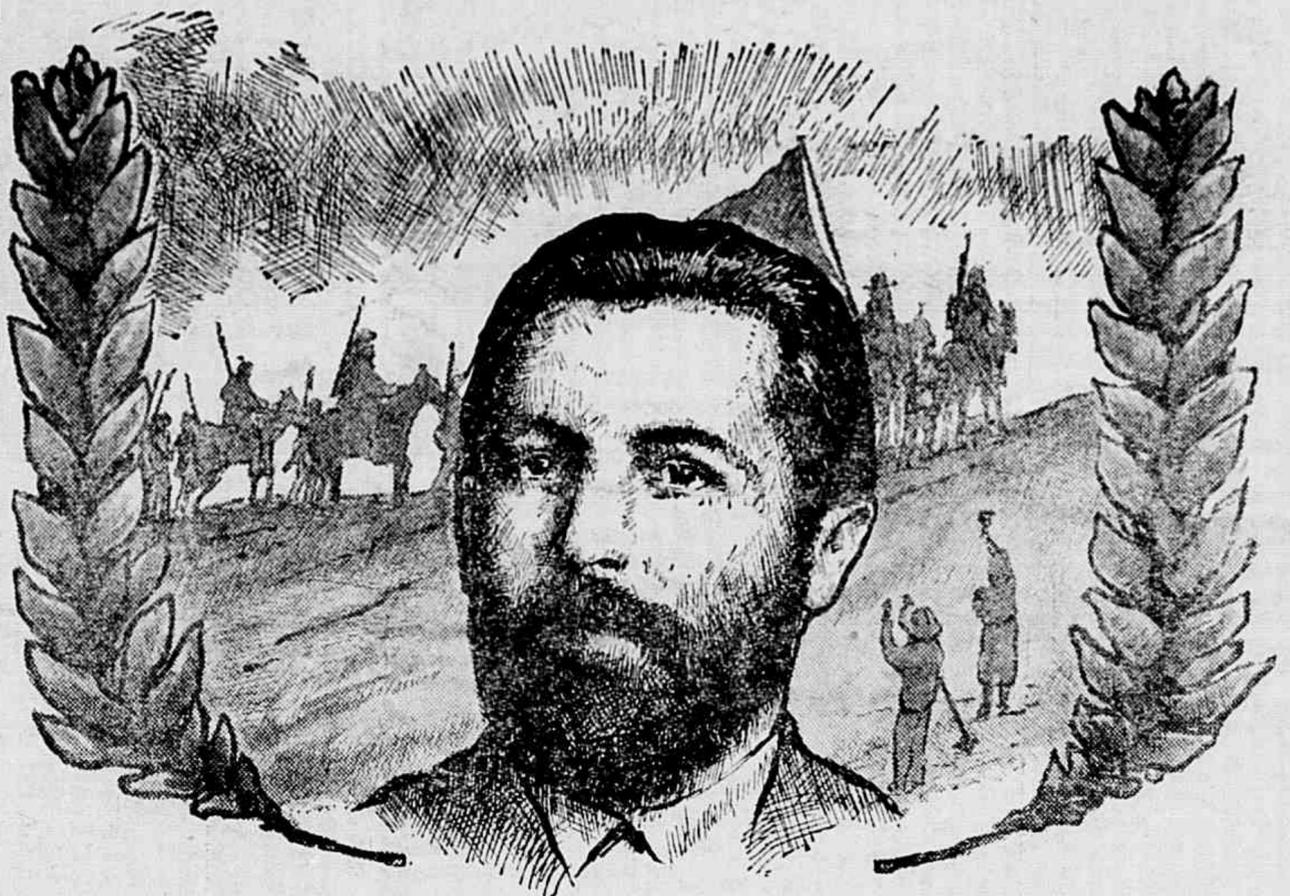


UM JORNAL COM OFICINAS  
EM TODO O BRASIL  
(11.ª pág.)



O ROTEIRO DA COLUNA  
(mapa na 12.ª pág.)

(Ilustrações de Quilino Maranhão, Chlau  
Devezza, Arydio e Bandão)



FIEL À TRADIÇÃO DE COMBATIVIDADE DA COLUNA

## Luta o Povo Brasileiro Contra o Jugo Americano

(Leia na 3.ª página)

# VOZ OPERÁRIA

Nº 285 — RIO DE JANEIRO, 29 DE OUTUBRO DE 1954

Edição Especial  
DEDICADA AO XXX ANIVERSÁRIO  
DA COLUNA PRESTES

# O Bravo Siqueira Campos — Companheiro Fiel de Prestes



A Coluna Prestes — Desenho de Arydio X. da Cunha

**ANTÔNIO Siqueira Campos** é um dos mais notáveis e valorosos representantes daquela juventude militar que, a partir de 1922, levantou-se contra a prepotência dos governos da época, sonhando com uma situação de liberdade, progresso e independência para o Brasil.

Nasceu em Rio Claro, no Estado de São Paulo, a 18 de maio de 1898. Seguiu a carreira militar, ingressando na Escola do Realengo, onde se destacou como aluno brilhante, honrado e decidido (era o terceiro da turma). Na Escola Militar, ainda sob a influência de Benjamin Constant e dos republicanos, passou a se interessar pelos problemas do país. A esse tempo o movimento operário afirmava-se mais e mais através de greves e lutas reivindicatórias, o que despertava no jovem cadete um vivo interesse pela «política» e pela «questão social». Provido da pequena burguesia, sem compreender as causas profundas da miséria e do atraso em que vivia o povo, Siqueira sentia, entretanto, uma forte repulsa pela falsa «democracia» reinante. Manifestava-se sempre contra o governo, particularmente em conversas com seu pai, e dispunha-se a lutar com entusiasmo por uma mudança de governo, o que, conforme supunha, iria debelar os males do Brasil. Aguardava apenas uma oportunidade para atirar-se à luta com todo o entusiasmo generoso de sua juventude.

## O levante do forte

Esta oportunidade viria pouco depois, quando, já graduado oficial, servia no Forte de Copacabana. Com a prisão de Euclides Hermes

da Fonseca, filho do marechal Hermes e comandante do Forte, o comando coube a Siqueira Campos que, de há muito vinha conspirando com outros militares rebeldes. A guarnição do Forte era de 52 homens. Siqueira resolveu levantar-se contra o governo, a despeito das saídas do Forte já se encontrarem bloqueadas pelas tropas legalistas, a 5 de julho de 1922, juntamente com 16 companheiros e mais o civil Otávio Corrêa, que a eles se associou. Os «18 do Forte» tiveram de travar um combate desigual na altura da rua que hoje se chama Siqueira Campos. Quase todos foram mortos e feridos. Siqueira foi ferido gravemente, sendo internado no Hospital Central do Exército.

## O melhor artilheiro

Siqueira Campos era um homem extremamente alegre e jovial, dotado de grande energia e de incrível resistência física. (Era capaz de atravessar a Praia de Copacabana a nado, de pon-

ta a ponta). Audacioso, tinha confiança em suas próprias forças. Certa vez, ao tempo em que era ministro da Guerra o sr. Pandiá Calógeras, Siqueira Campos fez o canhão do Forte Copacabana disparar dois tiros no pátio interno do Ministério da Guerra, situado na Praça da República. A missão militar francesa que aqui se encontrava por essa época manifestou a opinião de que Siqueira era o melhor artilheiro do país.

## Fuga no automóvel do chefe de Polícia

Um homem com o temperamento e a fibra de Siqueira Campos jamais poderia aceitar resignadamente a prisão. Assim, fugiu do H.C.E. e passou a viver ilegalmente no Rio, passando depois para São Paulo, sempre à procura de uma oportunidade para voltar à luta. E' dessa época um episódio que bem retrata o espírito audacioso e jovial do companheiro de Prestes. Siqueira se encontrava em casa de pessoa amiga, quando ali apareceu, em pessoa,

o famigerado marechal Fontoura, chefe de polícia. A moça que o atendeu ficou apavorada, mas Siqueira acalmou-a, pedindo-lhe que o apresentasse a Fontoura dizendo tratar-se de um jornalista de S. Paulo. Siqueira palestrou com o policial, elogiou-o e chegou a obter dele uma entrevista. Sempre incensando Fontoura, Siqueira fez com que fiasse da perseguição policial aos revoltosos, obtendo do carrasco a informação de que a polícia estava perfeitamente ao par de onde se encontrava Siqueira Campos, aguardando apenas uma oportunidade para prendê-lo. A audácia de Siqueira, porém, não se deteve aí. Alegando ser um reporter pobre, no início da carreira, pediu a Fontoura que lhe emprestasse o automóvel, a fim de poder enviar a entrevista para São Paulo. Fontoura prestou-se mansamente à manobra: foi até a porta e mandou que seu chofer conduzisse Siqueira, que assim fugiu no carro do próprio chefe de polícia.

## No exílio

Perseguido pela polícia Siqueira Campos teve de se exilar na Argentina. As vésperas do 5 de julho de 1924, porém, entra novamente no país e participa do levante do gen. Isidoro em São Paulo. As tropas de Isidoro, batendo em retirada, vão se juntar às forças vindas do Sul, comandadas por Luiz Carlos Prestes. Começa então uma nova e brilhante etapa na vida de Siqueira Campos, na qual revela toda a sua intrepidez, como comandante do 3.º destacamento da Coluna Invicta.



Siqueira Campos

## O mais chegado a Prestes

Na Coluna, o jovem capitão de 24 anos é o combatente mais chegado ao chefe querido o general Prestes. Prestes confiava inteiramente em Siqueira, admirava seu espírito jovial e brincalhão, gostava de seu feitio de homem reto e soldado disciplinado. O destacamento de Siqueira, que tinha como fiscal o capitão Trifino Correa, realizou feitos que ficarão para sempre como exemplo de coragem e decisão na luta. Enfrentando às vezes inimigos muito superiores em número e armamento, Siqueira Campos sabia infundir confiança aos soldados e encontrar a saída, derrotando o adversário ou conservando suas forças. Na última fase da Coluna, Siqueira Campos empreendeu a marcha de 9.000 Kms. que ficou famosa pela velocidade e a audácia de suas manobras. O 3.º destacamento chegou, certa vez, à temeridade de cruzar o próprio acampamento das forças governistas.

Encerrada a marcha da Coluna, Siqueira Campos permaneceu fiel à amizade com Prestes. Animava-o o mesmo amor ao povo e não tardaria a compreender e a acompanhar a posição de comunista a que Prestes havia chegado, quando veio a falecer num desastre de aviação sobre o Rio da Prata. Luiz Carlos Prestes, como chefe do Partido Comunista, em diversas ocasiões no período da legalidade do P.C.B. após 1945, acentuou que Siqueira Campos, se vivo fosse, estaria a seu lado, lutando pela libertação do Brasil do jugo imperialista, combatendo pela derrocada desse regime de opressão e miséria. Prestes o apontou como um exemplo para a juventude, um herói popular, capaz de sacrificar a própria vida em benefício de seu povo.

## A CONFIANÇA DOS SOLDADOS NA BRAVURA DE SIQUEIRA

**NO COMBATE** da fazenda do Cipó, em Pernambuco, o 5.º pelotão, do Destacamento Siqueira Campos, é atacado por forças muitas vezes superiores. Os soldados, tomados de pânico, fogem em debandada. Siqueira reuniu os poucos que não fugiram e, de revólver em punho, avança decididamente contra o inimigo. Os soldados fugitivos, de seus esconderijos, presenciaram o ato heróico de seu comandante. Sentem-se envergonhados, perdem o medo e, aos poucos, vão se reunindo outra vez ao pelotão desfalcado. Contando novamente com seus homens, Siqueira Campos investe contra o inimigo, derrotando-o.

Assim era Antonio Siqueira Campos, firme, destemido, enfim, um homem com quem Prestes podia contar, um digno soldado de Luiz Carlos Prestes.

## EXEMPLO DE AMOR AO BRASIL

### A OPINIAO DE PRESTES SÓBRE SIQUEIRA CAMPOS

«Acentuei estas duas qualidades fundamentais de Siqueira Campos. Sua qualidade máxima era o patriotismo, o amor, mas o amor, de fato, à nossa Pátria. Ninguém como Siqueira Campos, talvez, em nossa história, tenha desejado tanto, disposto a dar tudo, para que o Brasil realmente fosse uma grande Pátria. Esse era o seu desejo máximo; para alcançar isso, marchou para a morte a 6 de julho de 1922 e, posteriormente, na Marcha da Coluna, foi o bravo dos bravos, sempre disposto a enfrentar todos os perigos, sem que por sua cabeça jamais pudesse passar a idéia longínqua que fosse de capitulação. Es-

sa marcha de 9.000 quilômetros que fez sozinho com um punhado de homens é, sem dúvida, a prova de sua tenacidade, de sua convicção de que é preferível ser esmagado do que ceder ao adversário. Esse amor ao Brasil é que necessita hoje ser lembrado, esse amor o mais profundo à nossa Pátria, o desejo de que o Brasil seja realmente aquilo que pode ser, uma grande nação, à altura das grandes nações do mundo, um grande país, que assegure vida digna para seus filhos. E isso é hoje mais necessário que nunca.»

(Trecho de uma palestra realizada por Prestes, por ocasião do aniversário

do 5 de julho, em 1946).



S. CAMPOS

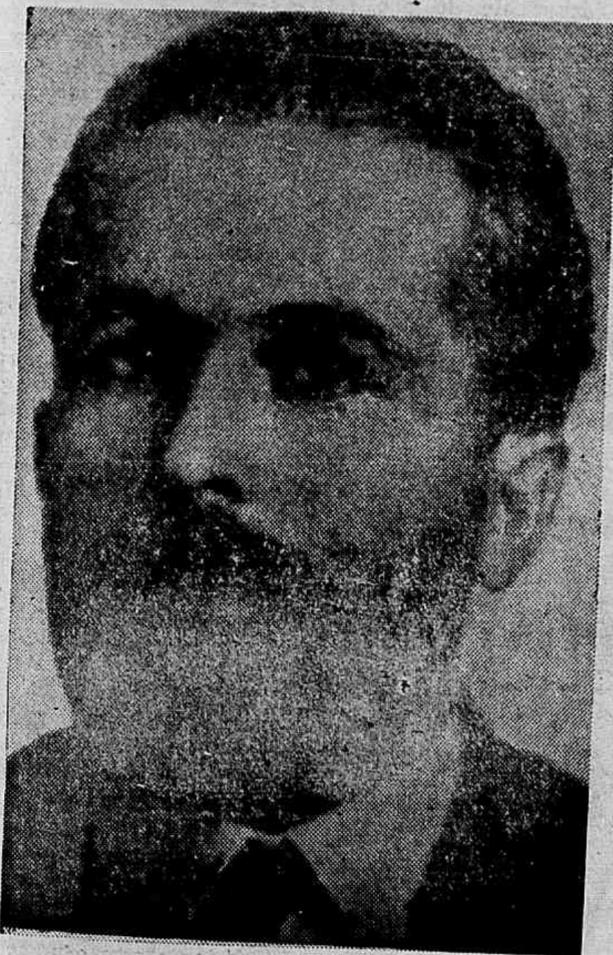
Fiel à tradição de combatividade da Coluna Invicta

# LUTA O POVO BRASILEIRO CONTRA O JUGO AMERICANO

OS bravos combatentes da Coluna abalaram o país com seus feitos militares e sua firme decisão de luta por um Brasil melhor. Levantaram-se contra a prepotência dos governos da época, visando a conquista de um clima de liberdades democráticas. Exigiam medidas tais como o voto secreto, a liberdade de imprensa e o fim da corrupção administrativa. S o n h a v a m com uma pátria independente; exigiam a extinção das dívidas às potências estrangeiras. Não atinavam ainda com as causas profundas do atraso e da miséria em que vive o povo, mas seu exemplo de rebeldia, de dedicação e amor ao Brasil ficou como um marco imorredouro da história das lutas de nosso povo por sua libertação.

## Aprofundam-se as lutas do povo

Com o crescimento do proletariado industrial acentuou-se cada vez mais a ação da classe operária, das grandes massas trabalhadoras — suas greves e manifestação — sob a direção do Partido Comunista. Graças a atuação dos comunistas, largos setores das massas trabalhadoras e da pequena burguesia foram compreendendo que, para conquistar dias melhores, era preciso lutar contra a dominação do imperialismo e extinguir o latifúndio, o grande culpado pela situação de miséria em que jazem os camponeses, a maioria da população brasileira. As lutas populares elevaram-se a um novo



Prestes, por ocasião de seu ingresso no P.C.B., em 1.º de agosto de 1934



Luiz Carlos Prestes, na época da legalidade do P.C.B., cercado pelo povo, em Porto Alegre. Para o «Cavaleiro da Esperança», voltam-se mais do que nunca, as esperanças das massas populares, ansiosas por tê-lo novamente em seu meio

nível e atingiram proporções nunca vistas. Essas lutas tiveram sua mais alta expressão na Revolução de novembro de 1935. Comunistas e outras correntes patrióticas uniram-se na Aliança Nacional Libertadora para libertar o Brasil da opressão imperialista e do latifúndio e barrar a ameaça de escravização ao fascismo. A frente do movimento nacional-libertador vinha o antigo comandante da Coluna — «O Cavaleiro da Esperança» — o chefe comunista e líder amado do povo — Luiz Carlos Prestes.

## Contra o inimigo mortal

Nos dias de hoje, o povo brasileiro enfrenta o seu mais perigoso e mortal inimigo — o imperialismo norte-americano. A nação se depara ante a ameaça de escravização total pelos trustes norte-americanos, que dominam a economia nacional, controlam o aparelho do Estado e têm no governo de Café Filho seus agentes de confiança, prontos a tudo fazerem para satisfazer a seus amos de Washington. Erguendo-se contra o assalto americano, unem-se patriotas de todas as correntes, visando a emancipação nacional. Em todo o país, crescem as lutas do povo por suas reivindicações, em defesa das conquistas dos trabalhadores, pelos direitos e liberdades democráticas.

## O Partido de Prestes, guia do povo

Nosso povo não luta mais, como nos heróicos tempos da Coluna, sem rumo certo, sem um programa justo e preciso. Hoje o povo têm a guiar-lhe o Partido Comunista. Suas mais profundas e caras aspirações estão inscritas no Programa do P.C.B., cuja execução permitirá libertar para sempre o Brasil do jugo imperialista e construir um regime verdadeiramente democrático, de liberdade, progresso e bem-estar para o povo. Mais do que nunca as esperanças dos brasileiros se volta para o maior de seus filhos — Luiz Carlos Prestes — e para o Partido de Prestes, o P.C.B., campeão da luta pela unificação de todas as forças democráticas e patrióticas pela libertação nacional e a conquista da democracia popular.

Rio, 29/10/54 — VOZ OPERÁRIA — Pág. 3

# DEPOIMENTOS SÔBRE PRESTES

Prestes entrou vivo no Panteon da História

LUIZ CARLOS PRESTES entrou vivo no Panteon da História. Os séculos cantarão a «canção de gesta» dos mil e quinhentos homens da Coluna Prestes e sua marcha de quase três anos através do Brasil. Um Carlos Prestes nos é sagrado. Ele pertence a toda a humanidade. Quem o atinge, atinge-a.  
*Romain Rolland*

## Prestes emerge maior do que nunca

INCIDENTE «Brasil-Rússia» sobrevém e Prestes se afirma como homem de coragem sobre-humana... Entre manter-se fiel a si mesmo ou cortejar a avalanche esmagadora que ia desabar sobre ele, Prestes não vacila, a avalanche despeja mas vai pelo caminho se-transformando em espanto e admiração. E Prestes emerge do incidente maior do que nunca.  
*Monteiro Lobato* (Carta a Luiz Carlos Prestes sobre o seu discurso contra a guerra imperialista)

## Enquanto viver será o Cavaleiro da Esperança

ESTE HOMEM que, isolado de todo contacto do mundo, exceto as breves cartas de sua mãe, permanece fiel ao seu Partido e às suas convicções revolucionárias, é um perigo para a reação brasileira, porque ele será, enquanto viver, o Cavaleiro da Esperança do povo brasileiro.  
*Dolores Ibarruri*

## Saudação ao grande Prestes

ENTRE o Brasil e a Turquia há oceanos e montanhas, mas na luta pela paz, a liberdade e o pão, o povo turco é vizinho bem próximo do povo brasileiro. O povo turco saúda o grande Prestes com um dos maiores heróis do combate pela libertação da humanidade.  
*Nazim Hikmet* (poeta nacional da Turquia)

## Irmão dos que lutam pela felicidade de todos

A VIDA de um homem está em perigo, um homem que é um irmão de todos aqueles que lutam pela felicidade de todos: é Prestes, o grande combatente brasileiro, o Cavaleiro da Esperança. Sua vida que há dezenas de anos decorre em combates e marchas, em prisões e perseguições está hoje ameaçada pelos fascistas que odeiam a esperança e a felicidade como os vermes da terra odeiam a luz e o dia. E' preciso defender o nosso Prestes, como se defende a um irmão ou um filho.  
*Anna Seghers* (notável romancista alemã)

## Lider da América

O POVO cubano tem por Luiz Carlos Prestes a admiração e o carinho que esse grande homem da América merece. Em todas as oportunidades nossas massas populares têm-lhe expressado sua solidariedade. Todos os homens e todas as mulheres do continente vêem em Prestes um grande dirigente, cujo nome limpo está definitivamente unido à luta contra o imperialismo, à luta por nossa libertação política e social.  
*Juan Marinello* (escritor, presidente do Partido Socialista Popular de Cuba)

## Prestes pertence às Américas

EM NOSSO país, os Estados Unidos, há poucos intelectuais que não conheçam a saga de Luiz Carlos Prestes. Ele pertence à História, como John Brow, o herói da Guerra de Sucessão. Ele pertence às Américas, como Bolívar, San Martín ou Juárez.  
*Michael Gold* (grande escritor norte-americano)

## Humanista e soldado da liberdade

AINDA uma vez nos trazem notícias de grande caça ao homem. Hoje a reação no Brasil escolheu como alvo o humanista e soldado da liberdade Luiz Carlos Prestes, célebre no mundo inteiro. Será que as forças da reação não têm capacidade de aprender algo de suas experiências? E' possível que elas não ouçam o rumor dos passos de milhões da humanidade em marcha? Refleti, grandes caçadores, que o dia do julgamento está próximo e não esqueçais que o amanhã pertence àquele que hoje perseguis. Cessai de lançar às feras os melhores filhos da humanidade, em nome do progresso e para vossa própria tranquilidade.  
*Martin Anderson Nexo* (famosa romancista dinamarquesa)

## Dedicação e atividade em prol da libertação de seu povo

ESTAMOS tomados da mais profunda indignação diante da tentativa de encarceramento de Luiz Carlos Prestes pelo governo brasileiro, devido à sua dedicação e atividade em prol da libertação de seu povo. Apoiamos resolutamente o movimento em defesa de sua liberdade. O povo chinês já expulsou os imperialistas e seus cães de fila da China Continental. Os imperialistas norte-americanos tornaram-se o inimigo público dos povos de todo o mundo. Não há futuro para os governos que se apoiam no imperialismo norte-americano.  
*Kuv Mo Jo* (vice-presidente do Governo Central da República Popular da China)

# "GENERAL PRESTES" — UMA CIDADE NA ESTRADA DE FERRO GOIÁS

EM fins de 1926, a Coluna Prestes percorria as vastidões da planície goiana, a região mais povoada daquele Estado. Depois de ter marchado de vitória em vitória através de treze Estados, a Coluna escolheu habilmente para posições das quais pudesse partir para novos feitos no interior do Brasil ou transportar-se para a Bolívia, para mais tarde voltar à ação.

O governo concentrou numerosas forças, na derradeira tentativa de destruir a Coluna Invicta. Prestes enviou Djalma Dutra e Lourenço Moreira Lima ao encontro dos líderes rebeldes emigrados para obter informações sobre as possibilidades imediatas de apoio ao movimento e consultá-los sobre a conveniência ou não de prosseguir a luta nas condições em que se encontravam. Ao mesmo tempo, o valoroso Siqueira Campos recebeu a incumbência de realizar mais um dos seus famosos raids, com a finalidade de

## A trajetória de um raio luminoso

«O raid de Siqueira Campos, conta Moreira Lima, lembra a trajetória de um raio que houvesse traçado uma linha luminosa de mil e quinhentas leguas dentro de nosso território, indo desaparecer além de nossa fronteira».

Em rápidos e audaciosos movimentos, Siqueira Campos surpreendia e confundia o inimigo, ao ponto de atravessar, à noite, o acampamento de uma grande força governista que dormia a sono solto. Assim o herói festejou a entrada do ano novo. Era o dia primeiro de janeiro de 1927.

Poucos dias depois, to-

## O comício

O destacamento de Siqueira Campos fez alto na praça fronteira à estação ferroviária. A notícia empolgou a população que ocorreu para confraternizar com aquele punhado de bravos. Os soldados da Coluna eram cercados carinhosamente por dezenas de pessoas. Formavam-se grupos numerosos em torno dos oficiais, sargentos e soldados, improvisando-se pequenas informações que não tardaram em fundir-se numa grande manifestação. Era a Coluna que conversava com o povo. No meio daquele debate aberto e inesperado, alguém lembrou que o nome da Estação, Pires



atrair a atenção do inimigo e assim aliviar a enorme pressão governista de que era alvo o grosso da Coluna.

mou a estação de Pires do Rio, na Estrada de Ferro Goiás. Em carta dirigida a Prestes, contou o próprio Siqueira Campos: «Oficialmente mudei o nome da estação para «Prestes»; não sei se eles respeitarão a idéia!».

Esse acontecimento ficou na história. A mudança do nome na estaçãozinha perdida no interior goiano foi feita «oficialmente» porque correspondeu a uma decisão do povo reunido em praça pública. Esse acontecimento mostrou que o povo já tinha aclamado Prestes como seu chefe, seu querido comandante.

do Rio, era o de um homem que tinha sido ministro do governo reacionário contra o qual a Coluna vinha lutando de armas na mão.

— Não pode ser «Pires do Rio» o nome de nossa terra. É um governista. Abaixo Pires do Rio! Viva a Coluna! Viva o General Prestes!

A massa popular se deslocava em direção ao edifício da estação ferroviária. À sua frente iam os homens do Destacamento Siqueira Campos. Eram camponeses, choferes de caminhões, ferroviários, comerciantes, operários, funcionários junto com os bravos da Coluna Prestes.

## Cravado a golpes de sabre o nome de Prestes

Em dois tempos arranjou-se uma escada e um cabo da Coluna subiu até o alto da parede lateral da estação. Estrugiu a ovação. De sabre em punho, com golpes vigorosos, o cabo raspava e rompia o reboque. Seu lenço vermelho drapejava. As letras negras foram sumindo. O nome «Pires do Rio» desapareceu sob os aplausos da multidão.

— E agora qual é o nome da estação? — ergueram-se vozes do seio da massa.

— General Prestes! General Prestes! General

Prestes! — bradava o povo de todos os lados.

No topo da escada, como se aquelas exclamações de mil bocas lhe multiplicassem as energias, o cabo talhava a golpes de sabre o nome glorioso do Cavaleiro da Esperança. As letras saíam enormes e irregulares, gravadas fundo até o tijolo. Uma por uma as letras foram sur-

**G-E-N-E-R-A-L  
P-R-E-S-T-E-S**

Assim a cidadezinha teve o nome trocado por vontade do povo. Siqueira Campos ardia de

emoção. Aquela cena lhe dizia que a Coluna não falharia no objetivo de despertar o povo para a luta pela liberdade. Mais veloz e audaz do que nunca, prosseguiu na sua cavalgada impetuosa para reunir-se ao grosso da Coluna no lugar combinado com Prestes.

## Este nome não se apaga

Poucos dias depois, atrasadas como de costume, as forças governistas ocuparam a cidadezinha. Os oficiais com suas ameaças furibundas davam uma idéia da ira impotente de que fora tomado o comando go-



vernista diante do ocorrido. Mas os castigos terribéis com que ameaçavam a população não destruíam a prova concreta da derrota moral e política dos perseguidores da Coluna tantas e tantas vezes derrotados militarmente em todo o Brasil. Lá estava, como um desafio, o nome de Prestes, no aito da parede da estação ferroviária.

Tentaram então apagar o nome que o povo tinha escolhido para sua cidade. Mas tudo foi infrutífero, pois o pulso do cabo da Coluna era muito vigoroso. Os golpes de sabre tinham cavado fundo. O sulco aberto cortara até os tijolos. Aquele nome não se apagava da parede da velha estação sertaneja. Jamais se apagará do coração daquele povo, de todo o povo brasileiro, o nome querido do seu Cavaleiro da Esperança.

## Um acontecimento inesperado

Os inimigos da Coluna julgavam o assunto liquidado com o novo reboque. O tráfego ferroviário já estava normalizado. Mas nos morosos trens de passageiros aquele acontecimento inolvidável era e se mantinha como assunto obrigatório. Duas semanas depois, o maquinista e o guarda-trem da composição que partia de Araguari de manhã cedinho combinaram uma grande surpresa para os passageiros.

O trem vencia os quilômetros vagarosamente, como era tradicional em Goiás. Antes de chegar a cada estação, o guarda-trem ia anunciando: «Amanhece», «Engenheiro Bitout», «Anhangueira», «Cumari», «Goiandira», «Içá», «Inajá», «Ipa-meri», «Urutaiá», «Roncador»...

A noite, a locomotiva «202» acelerou sua marcha de modo incomum. Ao entrar numa curva, a quilometro e meio da estação, o maquinista pôs a caldeira a todo vapor conforme o combinado. Pegou firme no cordão do apito e sacudiu os passageiros com seu grito estridente. E o guarda-trem penetrou nos carros de passageiros, gritando a todo pulmão o nome da estação que iam tocar:

— «GENERAL PRESTES!» «GENERAL PRESTES!» «GENERAL PRESTES!»

Aquele grito continua ecoando pelos tempos a fora. Aquela cidade e quantas outras? — há de figurar num dia não distante com o nome de Prestes nos mapas.

# Prestes, Patriota Sem Mácula, Imagem do Homem Incorruptível

— Quando se fala de Prestes tem-se logo a imagem do homem incorruptível.

Estas palavras do general Miguel Costa, quando, recentemente, se referia ao XXX aniversário da Coluna Prestes, exprimem com vigor os sentimentos e a convicção unânime do povo brasileiro. Prestes é o patriota sem mácula, o lutador ímpoluto.

Com o desenrolar dos acontecimentos, os detratores e inimigos de Prestes surgem aos olhos do povo envoltos num mar de lama — corrupção desenfreada, negociações, escândalos caracterizam os serviços da reação. O contraste entre os negociatas de todos os bandos que vendem o Brasil aos americanos e a figura incorruptível do Cavaleiro da Esperança acentua-se cada vez mais a cada dia que passa.

A luta inflexível de Prestes contra a corrupção e os corruptos vem desde muito antes da Coluna, luta do princípio de sua ação.

## Desmascarando a negociata da construção dos quartéis

A transferência de Prestes para o Batalhão Ferroviário, que pouco depois levantaria para iniciar a epopéia da Coluna, foi-lhe imposta como um castigo pela sua insistência em denunciar e exigir a liquidação de grossas negociatas.

Logo após o primeiro 5 de de Julho, do qual não participou por se achar enfermo, Prestes conseguiu transferência para o Sul. Foi trabalhar como fiscal na construção de quartéis no interior do Rio Grande do Sul. Cedo descobriu a corrupção que campeava. A construção dos quartéis era a cobertura das mais sórdidas falcatruas, envolvendo altos funcionários da política, engenheiros venais e fiscais que levavam a sua parte no bôlo. Era de estarrecer o desvio de dinheiro e material; as notas registravam preços mais altos do que os que eram pagos efetivamente, materiais de segunda categoria eram pagos como se fossem de primeira qualidade. Como se vê, a «técnica» dos dilapidadores dos dinheiros públicos não variou muito de 1923 a 1954...

Luiz Carlos Prestes enviava um relatório após outro. Denuncia o escandaloso roubo que se comete sob a capa de construção de quartéis. Não obtem sequer resposta. Os ladrões estavam com as costas quentes. Prestes não desiste. Telegrafia. Continua sem resposta. Pede permissão para vir fazer um relatório verbal, pois está sujeito à disciplina militar. Não consentem que ele venha ao Rio. Querem acobertar a ladroeira com a disciplina. Prestes já não se contém mais, vem mesmo assim. Os responsáveis fazem ouvidos moucos. E resolvem afastá-lo do seu posto. Prestes é enviado ao Batalhão Ferroviário com a incumbência de construir um trecho de estrada, ligando Santo Angelo a Comandai.

Decidido a derrubar o governo dos negociatas, Prestes pede demissão do Exército.

## Porque Geri e Morgado foram expulsos da Coluna

A Coluna tinha que se abater na própria marcha. Não poucas vezes foram as próprias tropas governistas que a supriam de cavalos, mantimentos, armas e munições. Mesmo assim, sempre era preciso fazer requisições nos lugares ocupados. Prestes jamais consentiu no saque e na pilhagem. As requisições eram rigorosamente autenticadas e se tomava estritamente o necessário, entregando às pessoas interessadas os documentos para que fossem inteiramente indenizadas após a vitória do movimento.

Entretanto, o poder da Coluna que atravessava os sertões de vitória em vitória despertou o apetite de alguns aventureiros e dos latifundiários. Em Goiás foi descoberta uma conspiração. O major Mario Geri, o tenente Morgado e mais uns poucos, sabendo que seus propósitos seriam repelidos e punidos por Prestes, resolveram separar-se da Coluna.

Seu plano consistia em saquear fazendas, vilas e cidades e depois internar-se em Mato Grosso. Supondo que havia mil e quinhentos contos na caixa da Coluna, decidiram exterminar o Q. G. para se apossar do dinheiro. Prestes expulsou-os logo que a trama foi desvendada.

Em Floriano, no Piauí, um grupo de latifundiários, muitos dos quais vindos de Pernambuco, ofereceram-se para levantar numerosos voluntários. Como única condição do seu apoio queriam carta branca para liquidar os seus inimigos pessoais. Queriam valer-se da Coluna para exterminar rivais, apoderar-se de terras pela

fôrça. Prestes repeliu-os com indignação.

## Prestando contas ao povo

No duro exílio de La Gaiba, Prestes observa o máximo rigor no controle e na correta e justa aplicação dos haveres sob sua responsabilidade. Faziam-se no Brasil subscrições populares que somaram centenas de contos de reis, para ajudar a Coluna na emigração. Prestes não consentiu em usar a mínima parcela em benefício próprio. Todo o dinheiro foi escrupulosamente empregado em auxílio a seus comandados. Mais tarde o «Diário de Notícias» de Porto Alegre, como outros jornais, publicava um minucioso e detalhado relatório de Prestes comprovando o emprego do dinheiro enviado pelo povo até o último tostão.

Contratando a construção de estradas e obras de saneamento na Bolívia, punha os soldados-operários ao par de tudo, desde o valor da empreitada. Considerava aquele dinheiro como pertencente aos trabalhadores. Ao mesmo tempo, agiu com a máxima lisura para com a companhia concessionária das terras do leste boliviano. Obras que eram feitas em anos por outros engenheiros, Prestes as concluiu em meses.

## O «ouro de Moscou» era ouro do Rio Grande do Sul

Quando Prestes repele todas as propostas que lhe fazem os conspiradores da Aliança Liberal para que assumia a chefia militar do movimento de 1930 e expõe abertamente à nação qual o justo caminho a seguir, quando o Cavaleiro da Esperança ingressa no Partido Comunista do



Junto à tosca residência de paredes de barro protegidas por folhas de zinco, no duro exílio, Prestes recebe a visita de um velho amigo de Corumbá. É José Silvino da Costa, à esquerda, que muito ajudou a Coluna.

Brasil, a reação decidiu atacar o patriota com a surrada calúnia do «ouro de Moscou».

Os fascistas do Estado Novo tentaram dar ao menos uma aparência de verdade à calúnia. A acusação afirmava que Prestes financiara a Aliança Nacional Libertadora com o célebre «ouro de Moscou». Dessa forma pretendiam ao mesmo tempo justificar o «estado de guerra» com uma «prova» da intervenção da União Soviética no Brasil. Contava com o «Dip» para fazer passar a mentira sem contestação pela imprensa arrolhada.

Mas Prestes transformou o banco dos réus a que pretendia pregá-lo a reação em tribuna da acusação aos algozes do povo, em tribuna da verdade. Realmente, ele contara com a soma de mil contos, para ajudar a campanha da gloriosa A.N.L. Mas esse dinheiro tinha sido entregue por determinação do

sr. Getúlio Vargas, quando este era presidente do Rio Grande do Sul.

Apesar da categórica negativa de Prestes em apoiar a rebelião organizada pela Aliança Liberal, o governo estadual gaúcho enviara-lhe, por intermédio do sr. Osvaldo Aranha, aquela quantia de mil contos.

Outros talvez cedessem ante aquele pano de amostra — o comando militar do movimento, horarias, postos e dinheiro a rôdo, mil contos para começar. Mas os homens da Aliança Liberal deveriam sofrer mais uma dura surpresa. Prestes apanhou o dinheiro e depositou-o num banco argentino. Era dinheiro do povo que estava sendo destinado a um movimento que não resolveria os problemas do povo. Portanto, Prestes decidiu preservar aquela pequena fortuna e guardá-la para uma verdadeira revolução. Na

carta aberta à imprensa sul-americana, Lígia Prestes, resolveu toda a verdade:

«Prestes resolveu guardar o dinheiro, reservando aos que o reivindicavam que «o dinheiro pertencia ao povo». De fato, esse dinheiro do Estado do Rio Grande do Sul que criou o movimento da Aliança Nacional Libertadora, autêntico movimento de emancipação nacional».

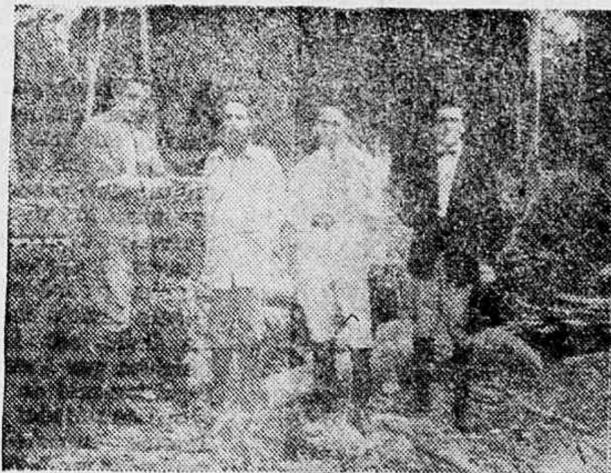
Isso foi o que declarou Prestes ante o Supremo Tribunal Militar, a 19 de setembro de 1937. Nem Getúlio Vargas nem Osvaldo Aranha puderam constetá-lo. Aranha foi obrigado a confirmar as palavras de Prestes. A contragosto teve de lançar também a sua pá de terra sobre a calúnia oficial do «ouro de Moscou».

## Encarnação da honradez do povo

Certa vez, na época da Coluna, o Ministério da Guerra fez imprimir e distribuir um folheto contra Prestes, acusando-o de pilhagens e equiparando a Coluna ao bando de Lampeão. Todos os exemplares enviados a oficiais do Exército foram devolvidos pela oficialidade indignada. Assim foram também repelidas e desfeitas uma a uma as calúnias que os lacaios dos imperialistas americanos tentaram fazer circular contra Prestes.

Em contraste, a nação vê hoje a que ponto de degradação desceram os serviços dos latifundiários, dos grandes capitalistas e lacaios dos monopólios guerreiros dos Estados Unidos. Devoram os dinheiros públicos. Na sua abjeção sem limites, levam a sua infâmia ao ponto de negociar nos guichês de Wall Street não apenas as riquezas do povo brasileiro, no mais sórdido entreguismo, como o próprio sangue dos brasileiros que prometeram aos seus patrões ianques, com o Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos.

Mais do que nunca os brasileiros se voltam para Prestes, encarnação da honradez de nosso povo.



O Brasil estava voltado para o exilado glorioso de La Gaiba. Envia-lhe mensagens de solidariedade. Todos o solicitam. Na foto, Prestes quando recebia o jornalista Rafael Correia de Oliveira. Aparecem também um oficial boliviano e outro jornalista brasileiro



**1** — A 28-29 de outubro de 1924, o capitão Luiz Carlos Prestes subleva o Batalhão Ferroviário de Santo Angelo, sob seu comando, e empreende a marcha para o Norte, a fim de reunir-se às tropas do gen. Isidoro, sublevadas em São Paulo. No trajeto, Prestes enfrenta e vence as tropas governistas em Tupacretan e no famoso combate de Ramada. Ao atravessar o Contestado realiza a célebre manobra de Maria Preta, lançando as forças do inimigo umas contra as outras. Os soldados de Prestes conseguem, assim, em abril, juntar-se às forças de Isidoro, que haviam sido batidas em Catanduvás.



**2** — Na fronteira com o Paraguai as tropas rebeldes são bloqueadas pelo gen. Rondon, que acreditou tê-las encerradas. Mas Prestes rebenta o «fundo da garrafa», internando-se com a Coluna no Paraguai, atravessando 125 kms. de território paraguai para reingressar no Brasil, em princípios de maio. (Ao alto, o Estado-Maior da Coluna, vendo-se Luiz Carlos Prestes sentado entre Siqueira Campos e o comandante Miguel Costa)

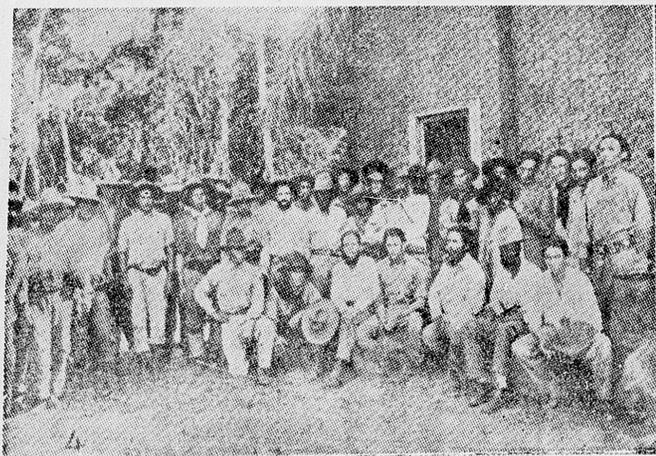
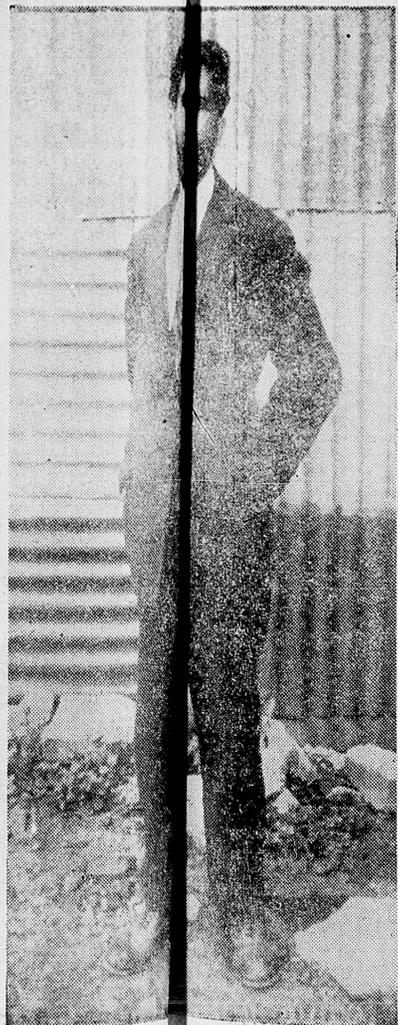
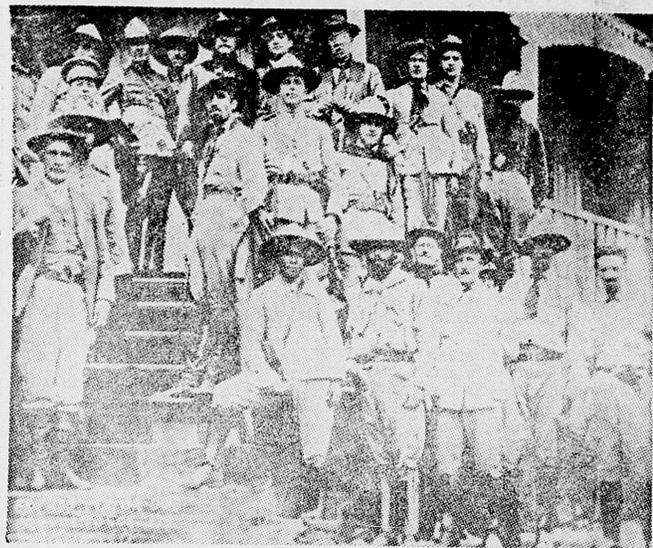


**3** — A Coluna entra em Mato Grosso em maio e a 25 de junho em Goiás. Ali, ocupa Rio Bonito a 5 de julho e próximo a Anápolis dia 23. No dia 11 de agosto a Coluna cruza a Serra do Paranaíba e volta a Goiás a 7 de setembro. (A Coluna Invicta durante a invasão do Tocantins, tendo-se Prestes no primeiro plano. A Coluna entrou no Tocantins até Carolina, no Maranhão)

**4** — As margens do Tocantins, em Pôrto Nacional, publica-se um número de «O Libertador», o jornal da Coluna. Em Goiás, Prestes derrota as forças comandadas pelo gen. Klunger e segue rumo ao Maranhão. A 2 de dezembro a Coluna ocupa Loreto, vila maranhense na fronteira com o Piauí, Prestes chega a Flóres dia 28 e a Coluna aproxima-se de Teresina. Mas volta bruscamente e entra no Ceará, logo após a promoção de Prestes a general (20 de janeiro de 1926). Do Ceará, a Coluna, sempre enfrentando ou escapando nos golpes do inimigo, rumo para Pernambuco, onde aguarda o levante do tenente Cleto Campelo. Este é traído e morto, e Prestes, que ignorava o malogro, realiza uma grande manobra para escapar ao cerco de forças muito superiores. A Coluna deixa Pernambuco e segue para a Bahia, onde em 18 dias, atravessa a zona desértica (558 kms). Da Bahia, Prestes segue para Minas, executando a célebre manobra do saque húngaro. Enquanto a Coluna retorna rápido para a Bahia, paralelamente, as forças governistas descem para Minas... (Ao lado: Prestes à frente da Coluna Invicta em plena marcha pelo sertão.)



# A EPOPÉIA DA COLUNA FAÇANHA DO NOSSO POVO



À ESQUERDA, ao alto — O Estado-Maior das forças revoltosas em Foz do Iguaçu. A chegada de Prestes, que veio combatendo e vencendo desde o Rio Grande do Sul, levantou o ânimo dos revoltosos que tinham sofrido sério revés em Catanduvás. A luta ia continuar. Foi vitoriosa a opinião de Prestes: rebentar o «fundo da garrafa», romper o cerco e marchar para o norte. A esquerda, em baixo — Depois da grande marcha, os indômitos e invencíveis combatentes da Coluna Invicta internam-se na Bolívia. Fazendo de La Gaiba sua base de operações, organizados e dirigidos por Prestes, reuniram os recursos para o repatriamento de todos os soldados. No clichê, um grupo de soldados da Coluna em La Gaiba. Ao alto — Prestes, engenheiro fiscal, contratista das obras realizadas na Bolívia, recebia um salário igual ao dos trabalhadores aos quais fazia cientes do que a companhia concessionária pagava pela execução da obra contratada. Não se moveu de La Gaiba antes de repatriar o último de seus homens. No seu inconfundível casbre, estuda sem cessar. Na foto, Prestes palestrando com Djalma Dutra

**5** — A Coluna interna-se na Bahia, a 2 de julho de 1926 chega às margens do São Francisco. Rumo para Norte, até o Piauí, volta outra vez à Bahia. É um período decisivo. A Coluna aguarda o prometido auxílio em munições e, mais do que isso, os levantes planejados por oficiais e políticos revoltosos das cidades. O movimento, porém, não obstante o talento militar de Prestes e seu profundo amor ao povo, apesar dos generosos impulsos que animam seus homens, carece de um programa que atenda às aspirações mais profundas dos trabalhadores da cidade e do campo. Não tem, à sua frente, a classe operária, guiada por seu Partido. Nestas condições, a luta entra numa espécie de «ponto morto». A Coluna percorre mais de 5.000 kms. em marchas e combates pelo território baiano e depois rumo para Oeste, retornando a Pôrto Nacional, em Goiás. Neste Estado, pensam os governantes, em vão, destruir a Coluna. A 1.º de setembro Prestes cruza com seus homens a primeira linha das forças dispostas pelo governo para atacá-la e em seguida derrota as forças da segunda linha, vindas de São Paulo e outros Estados.

Em outubro de 1926 o grosso da Coluna penetra em Mato Grosso, enquanto um de seus destacamentos realiza uma incursão em Minas. A Coluna repete a manobra de Maria Preta, jogando as forças comandadas pelo major Artur Almeida contra a tropa de jagunços de Horácio de Matos. Deste combate singular entre as duas forças governistas, resultam cerca de 200 mortos. O major Artur Almeida suicida-se, ao dar conta de seu erro. Em Mato Grosso, as forças da Coluna estão reduzidas a cerca de 600 homens válidos. Prestes envia Djalma Dutra e Lourenço Morêira Lima a Libres, para se entenderem com Isidoro. Acompanha-os, até certo ponto, o destacamento de Siqueira Campos. Este, ao voltar, não encontra o grosso das forças, realizando então uma série de rápidas e brilhantes incursões junto às forças governistas, visando a encontrar Prestes e a proteger a retirada da Coluna. O bravo Siqueira Campos perece, assim, cerca de 9.000 kms. em cinco meses.

(Ao alto, Prestes no exílio, quando se encontrava na Argentina)

## Exemplo de Combatividade e Heroísmo de Nosso Povo

Em Mato Grosso, a Coluna trava novos combates, antes de rumar para a fronteira boliviana. Ai se comemora o 29.º aniversário de Prestes. No dia 7 de dezembro, os soldados atravessam o rio Araguaia. A 3 de fevereiro de 1927, a Coluna se interna em território boliviano. Terminava assim a maior façanha militar realizada em terras do Brasil, ao cabo de dois anos e três meses de marchas e combates, durante os quais, graças ao gênio de seu chefe, a Coluna travou vitoriosamente mais de 50 recontros e batalhas, permanecendo invicta ante os ataques de forças do exército, das polícias estaduais, de bandoleiros e de mercenários de toda espécie, comandadas, ao todo, por 15 generais.

Prestes, no exílio, entrou em contacto estreito com o movimento operário, buscou as causas profundas da situação de miséria e atraso em que vive o nosso povo, conheceu a ciência do marxismo-leninismo e ingressou no Partido Comunista. O comandante da Coluna tornou-se o Secretário Geral do P.C.B. e o líder de todo o nosso povo. Em 1935, coloca-se à frente do movimento nacional-libertador, que se levanta contra o fascismo em ascensão e pela libertação da pátria do domínio dos imperialistas e latifundiários.

Nosso povo trava hoje a luta contra a jugo dos imperialistas norte-americanos, que querem escravizar o país, aliados à minoria de latifundiários e grandes capitalistas que detem o poder. Guiados pelo Programa do P.C.B., as massas populares lutam por um regime verdadeiramente democrático, por dias melhores, de liberdade e bem-estar. Nesta luta, têm em mente o exemplo da Coluna Invicta. Porque os bravos soldados de Prestes mostraram a grande combatividade de nosso povo, sua disposição de realizar notáveis e heróicas façanhas quando se trata de derrocar o poder dos tiranos e conquistar uma vida melhor, libertando o Brasil das cadeias da escravidão imperialista.

**P**ERCORRENDO os sertões ano após ano, atravessando matas e lavouras, campos de criar e vilarejos onde a vontade do coronel era lei suprema, não podiam os homens da Coluna Invisível ficar indiferentes ante essa terrível realidade brasileira que é o latifúndio, a cruel exploração do homem no campo. Durante as longas marchas e os intervalos dos combates, Prestes e seus companheiros de armas descobriam a miséria camponesa, fitavam-na de perto, face a face, e naturalmente se revoltavam com os mais chocantes exemplos de opressão e com as sobrevivências escravistas. Indagavam, procuravam encontrar a causa da estagnação rural, da fome crônica e das moléstias endêmicas que devoravam ontem e hoje milhões de brasileiros do interior. Não tinham ainda, os homens da Coluna, descoberto e chegado a tomar uma clara atitude contra o motivo fundamental do atraso e dessa pobreza extrema das massas camponesas, isto é, o monopólio da propriedade agrária organizada em bases feudais. Entretanto, levados por um sentimento de justiça e equidade, Prestes e seus camaradas mais chegados, muitas vezes, no decorrer da extensa caminhada, puniram os abusos dos grandes fazendeiros, protegeram as maiores vítimas da espoliação e quebraram odiosas normas estabelecidas contra o povo pelos senhores latifundiários, acendendo assim uma luz de esperança nas trevas do despotismo coronelista sob o qual vivia subjugada, em fazendas e arraiais, a maioria da população brasileira.

Quando ainda não se havia tornado um marxista, declarou Prestes, já em Guaíba, na Bolívia, a Astrojildo Pereira, que o entrevistava como "enviado de 'A Esquerda'" e era um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil:

"O que tínhamos em vista, principalmente, era despertar as populações do interior, sacudindo-as da apatia em que viviam mergulhadas, indiferentes à sorte do país, desesperançadas de qualquer remédio para os seus males e sofrimentos. Obra sobretudo de caráter político e social..."

Numerosos fatos na história da Coluna comprovam que só faltou mais um gesto de aproximação ainda maior entre os revoltosos e as grandes massas camponesas, só deixou de ser dado mais um passo ainda, para que tivesse totalmente se concretizado, com todas as suas imensas consequências revolucionárias, esse grandioso ideal que Prestes já acalentava.

### Contra a justiça dos coronéis

Certa vez, ao acamparem os soldados da revolução, um velho sertanejo, pobremente vestido, procurou o chefe da Coluna. Queria falar com ele. Queixou-se de que o chefe político local, grande latifundiário, pretendia tomar-lhe o sítio, por meio de uma ação possessória. O camponês vivia e trabalhava como os seus pais tinham vivido e trabalhado havia mais de cem anos naquelas mesmas terras. Por cúmulo de parcialidade, o juiz que devia julgar essa farsa era o próprio filho do coronel.

Moreira Lima, o "Bacharel Feroz", foi encarregado de examinar o processo e resolver como fosse justo.

"Mandei — conta o jurista da Coluna — buscar os autos, li-os atentamente, e, verificando tratar-se de uma grossa patifaria, queimei-os..."

Em muitos lugares que chegava a Coluna, reviam-se dessa forma os iníquos processos montados pelos grandes latifundiários contra a gente pobre do interior. Rudes golpes sofria então a odiosa "justiça" dos coronéis. Devorava o fogo as pilhas dos processos iníquos.

### A queima dos impostos

Também em muitos povoados e cidades, depois de terem entrado os homens da Coluna, outras fogueiras se erguiam. Convocava-se o povo para a praça central e ali, no meio da alegria de todos, enquanto a banda de música tocava "Ai, seu Mé", eram solenemente incinerados os livros e as listas de impostos, que pesavam terrivelmente sobre os que pouco ou nada possuíam.

Na cidade de Carolina, um velho vaqueiro, no momento em que o fogo devorava es-



## A Coluna e as massas camponesas

# UMA LUZ DE ESPERANÇA NAS TREVAS DO LATIFÚNDIO

ses papéis de extorsão, aproximou-se de um oficial da Coluna, e disse:

— Seu capitão, eu já tenho setenta e oito anos e até hoje foi a coisa melhor que vi fazer na Carolina, porque os "direitos" são um despotismo.

Por toda parte, quando a Coluna lançava as suas contribuições de guerra, Prestes tinha o cuidado de que fossem obrigados a pagar somente os mais abastados, os coronéis e grandes fazendeiros.

### Destruindo gargalheiras, troncos e correntes

A muitos oficiais da Coluna, formados nas grandes cidades, causava espanto encontrarem por toda parte, nas fazendas e nas vilas, instrumentos de suplício ainda em uso, tal e qual como nos tempos da escravidão, que eles julgavam para sempre banida do país desde 1888. Se antes lhes dissessem que em diversos lugares do Brasil, homens ainda trabalhavam sem nada ganhar, sob a ameaça do chicote, não acreditariam. Mas agora viam homens amarrados como escravos aos troncos, presos às gargalheiras, seguros a correntes. Isto provocava sempre uma insopitável revolta.

Em Porto Nacional, o preto João Francisco, quando chegou a Coluna, estava há quatro anos acorrentado. Antes passara sete anos imobilizado no tronco. Fora condenado a 30 anos de prisão porque o juiz estava bêbado e não respeitara o veredictum do júri absolvendo-o. O advogado não apelou porque o cliente não podia pagar. Só com a vinda de Prestes é que João Francisco se viu em liberdade.

Sistematicamente os homens da Coluna destruíam os troncos, gargalheiras, correntes e palmatórias onde quer que os encontrassem.

### Simpatia e carinho dos camponeses

Todos esses atos da Coluna, despertavam simpatia por parte das massas camponesas, que passaram a ver em Prestes a encarnação de seus mais profundos anseios e interesses. Ao passar a Coluna, juntava-se gente para saudar os soldados. Mães traziam flores, mulheres traziam comida.

Lendas galopavam na frente da Coluna. Diziam os camponeses que Prestes podia atravessar os rios andando sobre as águas. Que Prestes conhecia o futuro. Que

Conta Moreira Lima que, de um momento em diante, o nome de Prestes enchia todos os pensamentos dos sertanejos. Os camponeses, quando encontravam algum oficial ou soldado da Coluna, perguntavam logo por Prestes. Ao vê-lo, "olhavam-no com um respeito supersticioso, admirados de ser nosso chefe — relata ainda Moreira Lima — aquele môço pequenino e cabeludo, de face pálida e maneiras delicadas."

Desde os tempos da Coluna, Prestes está no coração dos camponeses do Brasil. Foram eles que pela primeira vez lhe deram o título de Cavaleiro da Esperança.

### Joel, um sertanejo como tantos

No alto sertão do Piauí, ao passar a Coluna diante de um pobre rancho de sapo, coberto de palha, adiantou-se um sertanejo de nome Joel. Joel em nada se diferenciava de milhões e milhões de camponeses brasileiros. Prestes vinha a pé, no meio dos soldados. Joel a ele se dirigiu, levando nas mãos uma cula de farinha:

— General, está aqui essa farinha, é tudo quanto eu tenho para comer no meu rancho... Dê para os soldados...

Joel voltou para o rancho. Mas achou que era pouco o que havia oferecido. Tinha também o burro, com o qual trabalhava. Não hesitou mais. Passou-lhe o cabresto e saiu de novo para onde estava Prestes:

— General, aqui está esse burrinho que é tudo que eu tenho para viver. Monte nele; não vá mais de pé!

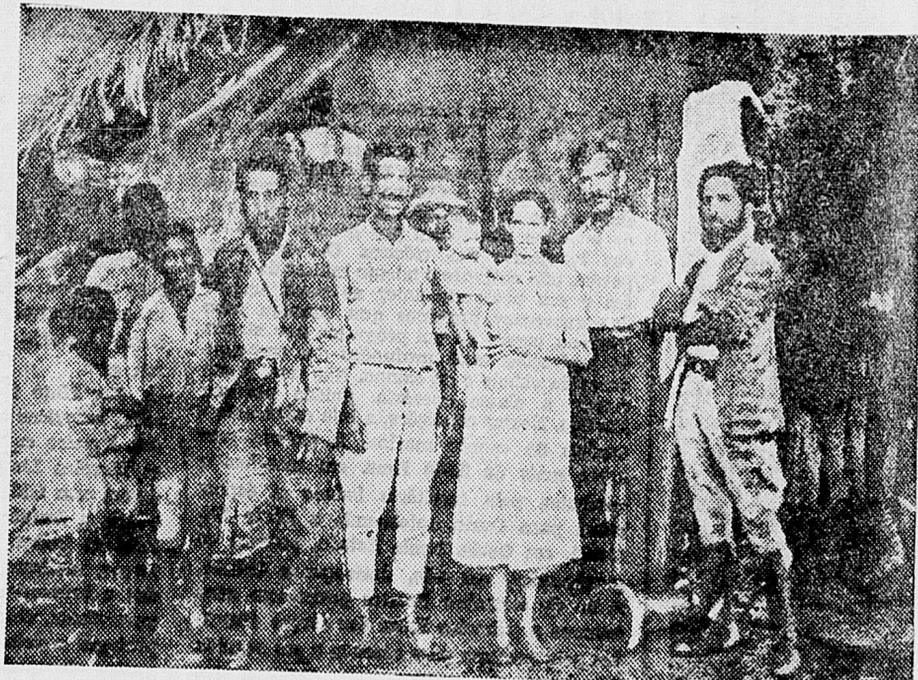
Foi, mas não demorou. Voltou ainda uma vez, e desta com as mãos abanando:

— General, agora leve a mim. Me dê um fuzil, já lhe dei tudo que tinha, agora me dê um lugar na sua Coluna.

Como o sertanejo chamado Joel, outros muitos se apresentaram para lutar na Coluna sob as ordens de Prestes. Tantos anos passados, é cada vez maior o número de sertanejos por este nosso país afora, que estão prontos a atender ao primeiro apelo do Cavaleiro da Esperança.

No tempo da Coluna, Prestes já defendia os camponeses. Hoje ele conhece profundamente os problemas em que se debatem, sob o tacão dos grandes fazendeiros, as massas do interior. Não foi apenas nos livros que ele aprendeu como vivem os sertanejos brasileiros. Ele viu com os seus próprios olhos a imensa miséria dos camponeses, com eles conversou demoradamente, sentou-se nos ranchos, provou a mesma comida amarga.

Na direção do Partido Comunista, Prestes conduz afinal as grandes massas camponesas no caminho dessa terra de Canaã que será o Brasil liberto para sempre dos latifundiários e dos escravizadores norte-americanos.



Quando os camponeses encontravam a Coluna, perguntavam logo por Prestes. O Cavaleiro da Esperança enchia seus pensamentos. Despertava a esperança nos sertões esquecidos. Na foto, Prestes entre soldados e camponeses, num dos altos da grande marcha.

Uma atividade assombrosa no oriente boliviano

# O CAVALEIRO DA ESPERANÇA Não Abandona os Seus Homens

**N**O DIA três de fevereiro de 1927, entre as cinco e meia e seis horas da manhã, a Coluna internou-se na Boli-  
via, indo acampar na fazenda Capim Branco. A tarde, acom-  
panhado de cerca de 400 homens, Prestes seguiu para La  
Gaiba. Começa um novo período na vida de luta daqueles  
bravos. O grande e invencível comandante não abandona  
os seus homens por um só instante. Os soldados estão  
enfermos, maltrapilhos e sem recursos. Prestes organiza  
sem perda de tempo o serviço médico, monta um hospital,  
consegue trabalho, ajuda o repatriamento dos seus coman-  
dados. Ardendo em febre, trabalha e estuda sem cessar.  
Prestes permaneceu em La Gaiba até que tivesse toma-  
do destino o último de seus soldados. Somente depois disso  
viajou para Buenos Aires. A vida e a atividade dos homens  
da Coluna em La Gaiba realçam novos aspectos da grande  
figura de chefe, dirigente e organizador do Cavaleiro da  
Esperança.

## Aumentam os salários na Bolívia

Naquela época, o governo boliviano fez grandes con-  
cessões de terras a uma companhia inglesa, «Bolivian's  
Company Limited». Mesmo contra a opinião dos seus en-  
genheiros destacados na Bolívia, a direção da companhia  
aceita a proposta de Prestes, que oferece seus serviços  
profissionais de engenheiro para realizar obras de sanea-  
mento, abrir estradas e poços.

Prestes tem um objetivo em mente — manter os seus  
homens reunidos, tratar de sua saúde, conseguir os re-  
cursos para que possam voltar à pátria, para junto dos  
entes queridos, refazer as energias para novas lutas. De  
início, os ingleses já tiveram que aceitar sua condição  
principal — Prestes não aceitava para si mesmo nem para  
os homens que desejavam trabalhar com ele emprego na  
companhia. Somente lhe servia o contrato para realizar  
obras determinadas.

Feito o contrato, Prestes reuniu os homens e deu-lhes  
ciência do trabalho a realizar e do quanto a companhia se  
comprometera a pagar. Seu salário seria igual ao dos  
trabalhadores. Assim, o salário habitual que era de um  
boliviano por dia (2,80 ao câmbio da época) elevou-se a  
três e quatro bolivianos por jornada de trabalho. A noti-  
cia espalhou-se rapidamente. Os trabalhadores bolivianos  
preferiram trabalhar com Prestes, a prestarem seus ser-  
viços como empregados da companhia.

Na realidade Prestes ganhava menos que os seus sol-  
dados, agora operários. Pois, à medida que iam reunindo  
os meios necessários para a viagem de volta, partiam de  
regresso ao Brasil. Diariamente grupos de três e quatro  
homens se despediam do comandante querido. E Prestes  
sempre ajudava-os a completar o que faltava tirando dinhei-  
ro de seu próprio salário.

## Baixa o custo da vida

Prestes se preocupa com todos os detalhes e aspectos  
da vida dos homens exilados na Bolívia. Os armazens da  
companhia e os de seus protegidos cobravam preços exor-  
bitantes pelos gêneros fornecidos aos trabalhadores. Pres-  
tes defronta-se, no exílio, com o sistema do barracão, os  
operários sempre em dívida com o patrão, presos ao tra-  
balho, reduzidos à condição de escravos.

Não tardaram, portanto, a aparecer os armazens de  
Prestes. O comércio de Corumbá dá-lhe crédito. Os arma-  
zens da Coluna vendem os gêneros por preços até quatro  
vezes inferiores aos dos barracões. A vida se modifica sob  
a ação do Cavaleiro da Esperança, no oriente boliviano.  
Elevaram-se os salários. Baixou o custo da vida.

## Uma atividade assombrosa

A eficiência do trabalho organizado e dirigido por Pres-  
tes abala os ingleses da «Bolivian's Company». Novos con-  
tratos são confiados a Prestes, apesar da guerra surda que  
lhe movem os antigos exploradores dos operários.

A ação de Prestes estende-se a uma vasta região. Os  
ex-combatentes da Coluna estão espalhados numa faixa de  
terra que envolve La Gaiba, Puerto Suarez, San Carlos,  
Vitória, Santo Corazon. Prestes rasga estradas, desbrava a  
mata, saneia as terras, abre poços. Um reporter brasileiro  
publica através da «Agência Brasileira» as impressões que  
colheu em La Gaiba: «Morando e vivendo na mesma sim-  
plicidade dos tempos de campanha, comendo da mesma mesa  
dos seus trabalhadores de machado, desenvolve Prestes, em  
Gaiba e por todo o oriente boliviano, uma atividade assom-  
brosa».

Multiplicando sua atividade como engenheiro, contra-  
tista, administrador, operário, comerciante, fiscal de obras,  
Prestes encontra tempo para fazer um estudo profundo da  
fronteira do Brasil com a Bolívia. Moreira Lima, em seu  
livro sobre a Coluna, expõe os seus temores de que a con-  
cessão aos ingleses pusesse em perigo a soberania boliviana  
naquele território tão grande. A própria companhia pode-  
ria fomentar um movimento separatista...

O fato é que Prestes, uma vez terminado o estudo sobre  
a fronteira, achou um meio de enviá-lo ao Itamarati. Mas  
não se limitou a isso. Reduzindo ao mínimo o tempo desti-  
nado ao repouso, não raro deixando de dormir, Prestes es-  
tudava. Graças aos amigos do Brasil sua biblioteca crescia.

## Não havia capatazes

Prestes recebia muitas visitas. Políticos, jornalistas,  
amigos vinham procura-lo. Uns traziam mensagens de soli-

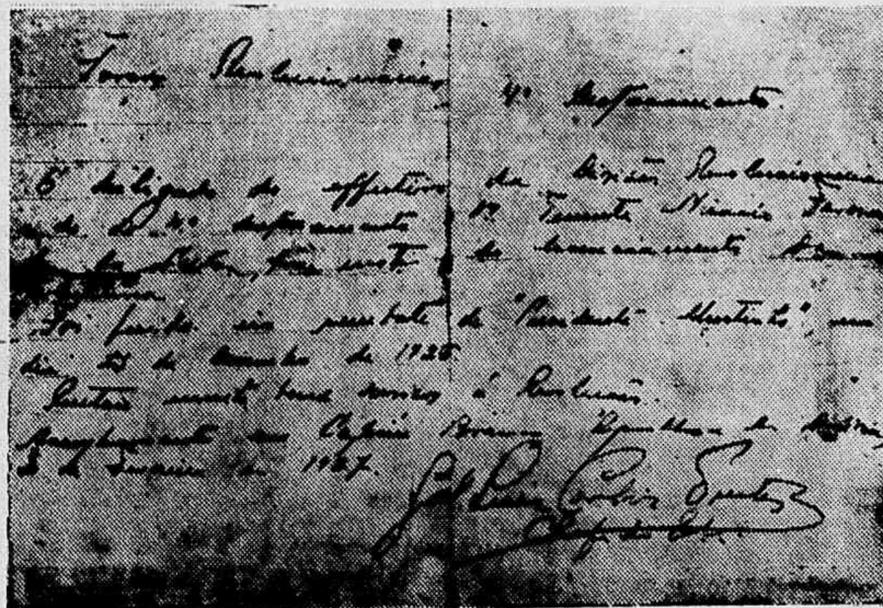
Uma das primeiras medi-  
das tomadas por Prestes  
em La Gaiba foi a mobili-  
zação de todos os recursos  
disponíveis para a organi-  
zação de um hospital. 400  
homens estavam atacados  
de impaludismo. O próprio  
Prestes, esquecido de si  
mesmo, trabalhava arden-  
do em febre. No clichê, um  
grupo de combatentes ao  
lado do hospital da Coluna  
em La Gaiba



Prestes no exílio, já em Montevideu

dariedade e provas de apoio, dinheiro de subscrições que  
Prestes distribuía entre os homens da Coluna, sem tomar  
um tostão para si mesmo. Outros vinham fazer-lhe propos-  
tas as mais tentadoras, visando a explorar o seu nome. A  
tudo ele recusa.

Os visitantes se impressionam com a ausência de capa-  
tazes em obras de uma área tão extensa. Prestes explica:



Um dos primeiros do-  
cumentos da Coluna no  
exílio e até hoje inédito,  
escrito por Prestes no mes-  
mo dia em que acampou  
na fazenda Capim Branco.  
Diz o seguinte:

«Forças Revolucionárias  
— 4º Destacamento.

É desligado do efetivo  
da Divisão Revolucionária  
e do 4º Destacamento o sr.  
Tenente Nicácio Fernandes  
da Costa, por motivo de li-  
cenciamento da Coluna.

Foi ferido no combate de  
Presidente Martinho, no  
dia 23 de dezembro de  
1926.

Prestou muitos bons ser-  
viços à Revolução.

Acampamento em Capim  
Branco, República da Bo-  
livia, 3 de fevereiro de  
1927.

Gen. Luiz Carlos Prestes  
Chefe do E. M.»

# Destacados Combatentes da Coluna

## MOREIRA LIMA — O BACHAREL FERÓZ

UMA das figuras mais notáveis da Coluna Prestes foi Lourenço Moreira Lima. Advogado, participou do levante do general Isidoro Dias Lopes em São Paulo, procurando, desde o primeiro instante e com os meios que a situação lhe permitia, mobilizar o apoio da população e dos trabalhadores ao movimento rebelde. Entretanto, é depois da junção das forças de Isidoro com as tropas vindas do Sul, já aí sob o comando de Miguel Costa e Luiz Carlos Prestes, que desempenhará um papel relevante em todo o desenrolar dos acontecimentos.

Entre os soldados de Prestes coube a Moreira Lima o posto de Secretário da Coluna. Não que ficasse relegado a um papel burocrático ou a uma posição de intelectual espectador. Longe disso, Moreira Lima era um combatente como qualquer outro; dando prova de firmeza e coragem a cada momento, participou dos combatentes como um digno soldado de Prestes. Mas, além de combatente, Lourenço encarregava-se de anotar tudo, registrar acontecimentos e recolher os depoimentos, enfim, fazer a crônica das marchas e combates. Graças a isso, o povo brasileiro têm hoje uma preciosa e circunstanciada fonte de informações sobre os feitos da Coluna no livro de Lourenço Moreira — «A Coluna Prestes» (marchas e combates)

Em toda parte que passavam os homens de Prestes, verificavam ao vivo o regime de miséria e opressão do latifúndio. Muitas vezes foi a Coluna chamada a intervir para desmanchar injustiças, desfazer processos e condenações injustas. Nestas ocasiões Lourenço funcionava como advogado e juiz do povo, revendo os processos, apontando-lhes as maroteiras e restabelecendo direitos espezinhados. Esse aspecto de sua atuação, ao lado da combatividade e firmeza manifestadas em todos os instantes da luta, valeram-lhe o apelido com que permaneceu até à morte — «Bacharel Feroz».

O «Bacharel Feroz» permaneceu com a Coluna até quando esta internou-se em território boliviano. Mas sua



L. Moreira Lima

amizade e a fidelidade ao chefe querido — Prestes — não cessaram com o término da luta armada. Pelo contrário, reforçaram-se cada vez mais e o acompanharam até à morte.

Lourenço Moreira Lima, após tantas lutas e combates, não se acomodou e transacionou com a situação vigente. Guiado pelo exemplo de Prestes, compreendeu

que para lutar contra a miséria e o atraso em que vive o povo, era preciso libertar o país da dominação imperialista e instalar aqui uma verdadeira democracia, um governo realmente a serviço da esmagadora maioria do povo. Assim, deu seu apoio à Aliança Nacional Libertadora, participou do movimento aliancista e, ao ser derrotada a revolução de Novembro de 1935, prosseguiu na luta sob as duras condições do Estado Novo. Sofreu a prisão, ficou com a saúde abalada, teve de morrer com nome suposto, vivendo na ilegalidade, mas fiel ao povo e a seu grande líder, Luiz Carlos Prestes.

Sob a direção de Prestes, o trabalho da Coluna modificou o ambiente agressivo de La Gaiba para onde acorriam visitantes de todos os países da América. Vemos Prestes, cercado de amigos e colaboradores, num grupo formado por ocasião de uma dessas visitas

## Carta de M. Lima a Prestes

NO processo movido pelo «Estado Novo» contra Lourenço Moreira Lima, — condenado a três anos de prisão pelo infame Tribunal de Segurança Nacional — figura a carta abaixo, endereçada a Prestes em 1935. O documento bem reflete a confiança e o entusiasmo com que o Bacharel Feroz encarava a figura de Prestes.

«Meu caro Prestes:

Respondo a sua carta de julho próximo. Estou de pleno acôrdo com você e já venho, ha muito, trabalhando pela vitória da revolução. Confio no triunfo. A mocidade e o povo estão inteiramente ao nosso lado. Os elementos retrógrados se acham em pânico. Econômica e financeiramente o Brasil está falido. E o saque por parte do governo é absoluto. Para a esquerda, é a frase que se ouve em todas as bocas. Estou certo de que, se você entrar no Brasil, à frente de uma Coluna, esta camorra cairá com a maior facilidade. Enfim, pode contar comigo para a paz e para a guerra. Felipe manda-lhe um grande abraço. Queira aceitar um abraço do seu velho amigo e camarada. as) Lourenço Moreira Lima»



## CLETO CAMPELLO CUMPRIU A PROMESSA

CLETO CAMPELLO FILHO nasceu a 29 de dezembro de 1898, em Pernambuco. Alistou-se no Exército em 1918, chegando, três anos depois, ao posto de segundo tenente. Participava daquela mocidade que, nos quartéis e nas escolas, ansiava por uma República «moralizada», em que relessem a justiça, o voto secreto, as liberdades democráticas. Amava o Brasil e queria-o uma pátria livre e independente.



CLETO CAMPELLO

Ao iniciar-se a Coluna Prestes, Cleto Campello, já primeiro tenente, chegou mesmo a partir com sua unidade, designada para dar combate às forças de Prestes em Mato Grosso. Mas seu coração estava com o «Cavaleiro da Esperança». Não pôde, entretanto, fazer a marcha da Coluna, sua missão de combatente era outra. De via fomentar um levante em apoio à Coluna, quando esta passasse por Pernambuco, tal como outros conspiradores deveriam fazer.

Falharam os levantes militares em que os rebeldes depositavam sua esperança. Destacou-se, porém, uma tentativa heróica, a de Cleto Campello. Este procurou cumprir a sua promessa sem ver riscos nem meios, corajosamente, o que lhe valeu a morte. A frente de 11 homens, procura assenhorear-se de Jaboatão, em Pernambuco. Traído e sem contar com força suficiente, o levante é debelado, Cleto Campello é morto. Sua coragem e sacrifício porém, ficaram com um exemplo para a mocidade patriótica, que prosseguiu na luta por uma verdadeira democracia no país, luta esta que é, hoje, a luta de todo o povo, guiado pelo Partido de Prestes e seu Programa de Salvação Nacional.

## ANÍBAL BENÉVOLO MORREU NO SEU PÔSTO

QUANDO Prestes se levantou em armas no Rio Grande do Sul, foi acompanhado por jovens oficiais e patriotas, que com ele conspiravam, estendendo-se o levante até a região de Missões. Entre os que se rebelaram destacava-se a figura do tenente Anibal Benévolo. Benévolo lutou bravamente em Itaqui, mas teve de enfrentar forças superiores, antes que pudessem se reunir os destacamentos rebeldes.

Anibal Benévolo morreu na luta. Eis como «Jornal de Itaqui», em sua edição de 13 de Novembro de 1924, relata o ocorrido:

«COMO MORREU O TEN. BENEVOLO

O ten. Benévolo, que comandava a força atacada pelo 4º esquadrão do 7º Corpo Provisório da Brigada Militar, entrincheirou-se, na retirada, na casa do Sr. Marçal Figueiredo. E, como a praça que manejava o fuzil metralhadora não desse conta do recado, o ten. Benévolo começou a atirar com essa arma.

Um tiro que lhe atingiu a boca, prostrou-o sem vida».

## VOZ OPERÁRIA

Diretor Res.

Aydano do Ferraz

«MATRIZ

Av. Rio Branco, 2º andar, sala 171  
TEL.: 42-731

SUCURSAL

São Paulo — Rua Estudantes, 84, s/ 2º andar.

P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 66 — sala 51.

Recife — Rua Floriano Peixoto, 155 — Sala 2º andar.

Fortaleza — Rua R. do Rio Branco, 1248, s/ 22

Endereço telegráfico da Matriz e das Sucursais:

VOZPÉRIA  
ASSINATURAS

Anual . . . . . Cr\$ 60,00  
Semestral . . . . . » 30,00  
Trimestral . . . . . » 15,00  
N. avulso . . . . . » 1,00  
N. atrasado . . . . . » 1,50

Este semanário é reimpresso em SÃO PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA e BELEM.

# UM JORNAL COM OFICINAS EM TODO O BRASIL

QUANDO Prestes partiu de Santo Angelo já tinha em mente, completamente elaborada em suas linhas fundamentais, a realização da grande marcha. O audaz e grandioso plano militar do jovem capitão tinha um objetivo de maior alcance ainda que o prodigioso feito de armas. Prestes via o povo brasileiro. A concepção militar da campanha gloriosa que se iniciava não tinha em mira o combate pelo combate, a conquista da vitória para um grupo. O próprio êxito militar dependia, em última instância, do despertar das populações oprimidas do interior para a luta e a ação contra a tirania. Sômente assim a pequena Coluna de 1.500 homens engrossaria passo a passo seus efetivos, receberia milhares e milhares de voluntários e se transformaria num grande exército que se lançaria sobre o Rio de Janeiro para mudar o governo.

O plano militar era também um plano político, portanto. Nessa concepção estava o germe da idéia do exército político. Suas armas não podiam ser, por isso, unicamente os fusis e as metralhadoras. Dessas a Coluna precisava para bater o inimigo. Além delas a Coluna necessitava também das armas para a conquista da consciência dos cidadãos. Ela necessitava de uma imprensa, como arma de combate.

## Jornalistas: combatentes e conspiradores

E a Coluna construiu sua imprensa, ligada à batalha que se desenvolvia e lutando em duas frentes — uma diretamente vinculada às marchas e combates através do Brasil, a outra nas cidades, sob o terror do estado de sítio permanente, ilegal. Uma e outra com a mesma falta de recursos, a mesma indomável combatividade.

A história guarda os exemplos magníficos dessa destemida imprensa de combate, conserva sua tradição gloriosa que, nos dias de hoje, a imprensa popular, os jornais de Prestes preservam e enriquecem. A Coluna Invicta, onde localizava uma oficina, tirava logo uma edição de "O Libertador". No Rio de Janeiro, circulava com bastante regularidade, durante o período da grande marcha, o semanário clandestino "5 de Julho".

Assim a Coluna fez surgir e temperou na luta o tipo de jornalista combatente, que escrevia e compunha seu jornal entre duas etapas da marcha, entre um e outro combate, e o tipo de jornalista conspirador que escrevia e compunha o seu jornal sob os rigores e os perigos da ilegalidade, no desconforto das redações clandestinas que tinham de

mudar constantemente, nos valvins da conspiração espiada por uma polícia de bandidos.

"O Libertador" ostentava a legenda gloriosa de "Órgão da Revolução — Liberdade ou Morte". A regularidade de sua saída, o formato do jornal e o volume da matéria estavam subordinados aos azares da marcha, à existência de oficinas nas cidades e vilas ocupadas e aos seus recursos gráficos. A redação era constituída por Lourenço Moreira Lima, José D. P. Machado e Manoel Macedo.

Conta Moreira Lima que a Coluna realizava também comícios. Os soldados de lenço vermelho ao pescoço misturavam-se com o povo, armados e prontos para o combate. Assim também eram feitos os números de "O Libertador" — com as armas ao lado, os redatores prontos a defender de armas nas mãos as idéias que propagavam nos seus artigos.

"O 5 de Julho" tinha a redação inteiramente clandestina. Mas o próprio jornal oferece vários elementos que permitem reconstituir os lances de coragem e firmeza com que era feito, para honrar o seu lema —

mocráticas e ajuda os que, desiludidos de suplicas e passividades, resolveram afrontar os tiranos com esse argumento breve mas sumamente convincente — a bala!"

## A munição do «5 de Julho»

«A vitória da revolução é nossa lei suprema» — dizia o dístico do semanário legal que circulava no Rio de Janeiro. O jornal era de pequeno formato com apenas duas colunas por página. Pelo movimento ajadista que o apoiava verificava-se que «O 5 de Julho» era fruto de um trabalho de organização de certo nível e a cargo de homens de ação. Cada número do jornal era consideado uma granada contra a tirania. E cada contribuição popular para mantê-lo era registrada numa seção fixa intitulada «Munição para o 5 de Julho».

A maior parte das contribuições era de um a cinco mil reis. As vezes chegavam ajudas sob a forma de material para a feitura do jornal, como latas de tinta, etc. O aparelho ilegal je coletado dessa ajuda conseguia manter a regularidade da circulação durante longos períodos. Os pseudônimos dos contribuintes revelavam o seu estado de ânimo — ao lado dos nomes de família (Almeida, Maia, Lopes, etc.), figuravam «uma revolta», «Dinamite», «Satans», «La Croix» etc. Chegou até a contribuição dum preso político que assinou «incomunicável».

## As oficinas do «5 de Julho»

O jornal não trazia data em nenhuma de suas quatro páginas. Cada edição tinha um número. Para explicar aos leitores e contribuintes por que motivo o número 18 saiu antes do número 47, a redação revelou alguma coisa sobre as oficinas do «5 de Julho».

«A nossa fôlha clandestina é impressa também clandestinamente numa tipografia onde trabalham muitas pessoas, nem todas capazes de guardar segredo. Por isso somos obrigados a fazer a impressão à noite». Isso trazia enormes dificuldades. Tinham que esperar noites em que não houvesse sereno. O trabalho tinha que ser fei-

«Jornal de acordo com a liberdade e contra a lei de imprensa».

## Um jornal com oficinas em todo o Brasil

Órgão da luta armada pela liberdade, o jornal da Coluna tinha uma redação volante que fazia a imprensa para o combate e combatia em defesa da liberdade de imprensa. Suas oficinas estavam espalhadas por todo o Brasil.

Com veementes e ardentes palavras denunciava os tiranos e concitava à luta. Em seus editoriais acusava os opressores do povo que transformaram a Constituição «em azorrague político com que se abafam todos os direitos do povo».

"O Libertador" desmascarava a justiça dos poderosos do momento. «A Justiça nem é cega nem enxerga bem, possui para infelicidade do povo a visão obliterada dos que olham, ao mesmo tempo, para o montão de ouro com que se compram os venais e para a espada de Damocles dos espíritos independentes». Acusa os esfomeadores do povo ao denunciarem que «os impostos escorchantes são uma indústria lucrativa mas vergonhosa com que se esgota a economia do povo para enriquecer os políticos sem escrúpulos».

## Uma bandeira e um argumento

O jornal da Coluna desmascarava os objetivos liberticidas da chamada Lei de imprensa. E não se cansava de repetir notícias e informações, bem como uma visão geral dos feitos da Coluna em cada uma de suas edições. Pois era necessário mostrar a verdade ao povo ao qual era negado o conhecimento dos fatos por meio do terrorismo do estado de sítio permanente e da farsa «lei de imprensa».

Como essas denúncias se assemelham às que são feitas tão frequentemente nos dias de hoje!

«O Libertador» com palavras de fogo apelava para os mais nobres e elevados sentimentos da população, especialmente da juventude. Eis o que diz um editorial assinado pelos chefes da Coluna, tal como manifesto. Prestes dirigia-se ao povo maranhense:

«É inútil, deprimente e vergonhoso suplicar de joelhos o favor da liberdade, de norte a sul do país, vêm desenrolando a bandeira rubra das reivindicações de-



to todo de uma vez e sem deixar vestígio de espécie alguma. As chapas que ficavam nas máquinas e o padrão deixado pelo impressor era repostos cuidadosamente, de modo a não dar margem a suspeita alguma. Mas naquela semana houve três serões consecutivos.

Outra causa do transtorno foi que a pessoa que deveria trazer ao Rio a edição do número 47 foi obrigada, tendo-a já em mão, a viajar noutro ramal e só três dias depois pôde entregar o pacote ao recebedor geral. Teria sido uma revelação involuntária de que o jornal não era feito no Rio? Ou um habil desistamento para diversificar a espionagem sobre o jornal?

## O melhor meio de alcançar o impossível

O «5 de Julho» publicava indignadas denúncias das negociatas dos homens do governo. Exigia um apoio

## Contra o imperialismo

A força de lutar contra o despotismo, já naquela época, em 1925 e 1926, os homens da Coluna foram sentindo a necessidade de lutar contra o imperialismo. Era um princípio, apenas o germe da luta antiimperialista que hoje uma milhões de brasileiros, mas que demonstra mais uma vez que toda luta patriótica acaba sempre se chocando com o inimigo número um de nosso povo — o imperialismo americano.

Num editorial intitulado «Voltaremos a ser colonos?» dizia o «5 de Julho»: «Há muitos modos indiretos de os pais subornarem a estrangeiro. Um desses modos é a tutela econômico-financeira, por intermédio da qual pode o protetor, quer se chame Morgan ou Rothschild, exercer considerável influência na vida política do país «protegido». Duas potências pretendem a tutela do Brasil: a Inglaterra, que já aqui deitou raízes desde o tempo de Pedro I e os Estados Unidos, que há vários anos vêm procurando estabelecer-se no Brasil. Epitácio Pessoa, como grande espectralhão que é, soube explorar as pretensões janques, valendo-se delas para a título de empréstimo» arranjar muitos milhões de dólares cujo destino é ainda hoje uma incog-

efetivo, concreto à Coluna não apenas apoio moral. Conclama os partidários da Coluna a enfrentar resolutamente as dificuldades e que parecia, no momento, impossível. Um editorial intitulado «Vamos, pela nossa inércia, deixar repetir nos sertões de Goiás a epopeia trágica dos Dezoito de Copacabana? Seria uma vergonha e um crime!» trazia em destaque dois quadros em que dizia o articulista:

«E' mistér que a valentia e a audácia dos generais Luiz Carlos Prestes e Miguel Costa mais os seus inegáveis soldados não edudem em sacrificio inútil? E' um dever nacional amparar esses heróis — não apenas conspirateiramente, mas de fato».

«O melhor meio de alcançar o impossível é ir-se apegando ao possível: faça-se, pois, em favor dos Revol.

Goiás aquilo que for imediatamente possível, por pouco que pareça e em qualquer lugar que seja. O certo tornará-se depois mais fácil».



## A campanha revolucionária

«A revolução é a única solução para o Brasil. Ela é a única maneira de se alcançar a liberdade e a justiça social. É preciso lutar por ela, com coragem e firmeza. Não há outro caminho possível. A revolução é a única maneira de se alcançar a liberdade e a justiça social. É preciso lutar por ela, com coragem e firmeza. Não há outro caminho possível.»

«A revolução é a única solução para o Brasil. Ela é a única maneira de se alcançar a liberdade e a justiça social. É preciso lutar por ela, com coragem e firmeza. Não há outro caminho possível.»

# O ROTEIRO DA COLUNA PRESTES

